

1. Introdução.

Qualquer que seja o referencial teórico ou a metodologia empregada, uma pesquisa implica o preenchimento dos seguintes requisitos: (1) a formulação de um problema; (2) a determinação das informações necessárias para encaminhar as respostas às perguntas feitas; (3) a seleção das melhores fontes dessas informações; (4) a definição de um conjunto de ações que produzam essas informações; (5) a seleção de um sistema para tratamento dessas informações; (6) o uso de um sistema teórico para interpretação delas; (7) a produção de respostas às perguntas formuladas pelo problema; (8) a indicação do grau de confiabilidade das respostas obtidas; e (9) a indicação da generalidade dos resultados (LUNA, 1996, p. 16-17)

Tentando seguir os passos sugeridos acima, neste primeiro capítulo, busco justificar a relevância teórica e social desta pesquisa ao definir um conjunto de perguntas e questões que me oriente dentro da temática escolhida. Após a justificativa, indico brevemente qual foi minha idéia inicial e porque precisei mudá-la no começo de sua realização. Dando continuidade, exponho as questões iniciais e os objetivos desta pesquisa. E, por fim, esclareço qual será a metodologia utilizada para alcançar tais objetivos.

1.1. Justificativa.

Esta dissertação se propõe a ser uma análise do convívio e das opiniões sobre a diversidade sexual presente no cotidiano escolar, a partir do levantamento teórico de produções das áreas de Gênero e Sexualidade e de uma pesquisa empírica realizada com estudantes do Ensino Médio, em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro.

A pesquisa apresentada procura identificar, problematizar e analisar os significados e os sentidos, explícitos ou implícitos, atribuídos pelos/as estudantes à diversidade sexual. Dentro do universo de opções que isso representa, busco verificar se ocorre uma valorização da heterossexualidade e questionar como é vivenciada e discutida a diversidade sexual nas atividades escolares. Concomitante a isso, esta dissertação também busca a interculturalidade como uma proposta de ensino que valorize as diferenças sexuais. Operando com

essas duas frentes, pretendo debater a relevância de uma educação sexual não-sexista e não-homofóbica, voltada para a Educação Básica.

Segundo CANDAU (1999, p. 40), a qualidade da educação se faz presente “na perspectiva de uma qualidade intelectual, cultural, social, ética e política, que não pode ser reduzida aos aspectos científicos e técnicos do processo pedagógico”. Segundo a autora, é necessário ressaltar a importância de construir caminhos coerentes com a nossa própria formação histórica, cultural e social, ou seja, com a configuração multicultural específica da sociedade brasileira. Dessa forma, acredito na importância do debate sobre a diversidade sexual, temática presente no cotidiano de nossa sociedade, mas tabu na escola. Com isso, questiono: na escola, os/as estudantes recebem alguma orientação sobre as diferentes expressões da sexualidade? Se existe, essa orientação vai além da discussão sobre os aspectos biológicos e sanitários? Estamos perpetuando a homofobia e a intolerância aos diferentes ao silenciar a diversidade sexual?

“Não esqueçamos que os padrões de funcionamento da escolarização tendem à homogeneização. A escola tem sido e é um mecanismo de normatização” (SACRISTÁN, 1995, p. 83). A escola sempre exerceu uma ação distintiva, produzindo e reproduzindo as desigualdades, e buscando inconscientemente a padronização e a homogeneidade das características sócio-culturais na direção de uma cultura elitista e hegemônica (LOURO, 2008a, p. 57). A escola dividiu os/as que estavam dentro e os/as que estavam fora. E classificou, ordenou e hierarquizou os/as que lá estavam. A escola separou adultos e crianças, ricos/as e pobres e, imediatamente, meninos e meninas. É inegável que currículos, práticas pedagógicas, teorias, linguagem, material didático e processos de avaliação produzem e também são produzidos pelas diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe, entre outras. Mas também é inegável a necessidade de valorizar essas diferenças dentro de práticas que visem à igualdade. O que nos leva a refletir: como as diferenças são produzidas? Quais as conseqüências disso para o cotidiano escolar? E quais as conseqüências disso para os sujeitos ali presentes, educandos/as e educadores/as?

Outro fato que acredito ser relevante é o aumento da exposição na mídia da violência contra homossexuais em festas, boates, passeatas, universidades ou, simplesmente, no ir e vir das ruas da cidade. Se por um lado, a aceitação e a valorização das diversas sexualidades estão aumentando. E um exemplo disso é

a realização da Parada do Orgulho LGBTT do Rio de Janeiro, que em 2011 contou com sua 16ª edição e que reúne em média mais de um milhão de pessoas. Por outro, vemos o noticiamento da intolerância, do ódio, da perpetuação da ignorância, da diferença desvalorizada e tratada como desigualdade, da homofobia em sua forma mais selvagem. Devemos lembrar que, nos casos de violência física contra homossexuais, os agressores são geralmente jovens do sexo masculino que ainda estão em processo educativo, nas escolas ou nas universidades. O mais alarmante é que esses jovens não sabem explicar porque agem assim. Como aponta Andrade (2010, p. 120-121), segundo argumentos de Hannah Arent, algumas barbáries cometidas na atualidade podem não se fundamentar na inveja, no ódio, na cobiça ou mesmo na estupidez, mas sim na irreflexão. Isto é, a banalidade do mal está associada ao vazio do pensamento. Sem uma auto-reflexão de tais atitudes, não existe a conscientização nem a justifica para tais atos. Esses jovens simplesmente não conseguem definir o que os levou a agredir. Porém, a banalidade do mal e da intolerância tampouco quer significar algo normal ou sem importância. Na verdade, ela ocupa indevidamente o lugar da normalidade. Estes jovens são responsáveis e devem ser punidos, mas como desfazer este quadro? Como comprometer a tarefa educativa também com o respeito e os valores morais mais fundamentais, como justiça, igualdade, liberdade, solidariedade, diálogo e tolerância?

Emerge, então, uma preocupação com a hostilidade contra a diversidade sexual, o que aponta a necessidade de modificar a maneira como tal questão vem sendo problematizada. Anteriormente, o foco dos estudos sobre homossexualidade estava centrado nos estudos psicológico e médico do comportamento homossexual. Mais recentemente, o foco passa a ser nos processos que levaram às classificações e à atribuição de valores das expressões sexuais. Como aponta BORILLO (2010, p. 14),

o deslocamento do objeto de análise para a homofobia produz uma mudança tanto epistemológica quanto política: epistemológica porque se trata não tanto de conhecer ou compreender a origem e o funcionamento da homossexualidade, mas de analisar a hostilidade desencadeada por essa forma específica de orientação sexual; e política porque deixa de ser a *questão homossexual* [...], mas precisamente a *questão homofóbica* que, a partir de agora, merece uma problematização específica (Grifos do autor).

Neste sentido, talvez seja fundamental que os/as educadores/as possam contribuir, em todos os momentos e fases do ensino, para a não alienação de

jovens de si mesmos/as e da sociedade em que vivem, cada vez mais plural. Suponho que, para isso acontecer, uma das tarefas da prática pedagógica seja estimular a integridade e a complexidade humana, indo além do aspecto intrapessoal, e incitando positivamente a diversidade presente nas relações interpessoais. De acordo com PARISOTTO *ET AL.* (2003, p. 86),

cada um de nós é um ser único que durante seu desenvolvimento físico e emocional atravessa processos muito semelhantes, mas também com diferenças muito significativas, principalmente no desenvolvimento sexual. As características genéticas de cada indivíduo, nossas vivências, nossas sensações e emoções tornam-nos absolutamente distintos/as.

Assim, a preocupação dos/as pesquisadores/as de educação em debater e desvelar as diferenças tem sido importante para lutar contra discriminações muitas vezes encobertas nas atitudes naturalizadas pela nossa cultura. Com isso, precisamos buscar desvelar e entender como é tecida a rede de sutis relações, interpretações e identificações, que se constroem no cotidiano da sala de aula e que determinam a formação dos sujeitos. Observar a construção e a manutenção das diferenças é entender um importante aspecto político do cotidiano escolar, atravessado por inúmeras relações de poder.

A realização de uma educação de qualidade e para todos tem sido adiada e a falta de preparo da escola para o trato com o diferente tem sido, sem dúvida, uma de suas causas. Pesquisar como os/as jovens de hoje se orientam dentro da temática da orientação sexual se justifica na possibilidade de apresentar novos e importantes elementos para uma escola mais democrática, e com isso, para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, capaz de reconhecer, viver e conviver com as suas diferenças.

1.2.

Da pesquisa sonhada à pesquisa realizada.

Comecei a freqüentar o Colégio Guarani para realizar uma pesquisa no grupo do qual eu faço parte. Em seus corredores, pude observar alguns cartazes desenvolvidos pelas turmas 1102 e 2110, no segundo semestre de 2009, que tratavam dos temas homofobia e *bullying*. Já definido meu tema de interesse para a dissertação e pensando em buscar uma prática escolar na qual eu

pudesse desenvolvê-la, minha idéia inicial era entrar em contato com a direção do colégio, para chegar aos professores que coordenaram essa atividade.

Contudo, ao dialogar com a professora responsável, identifiquei minha primeira pedra no caminho. Ela me informou que não havia desenvolvido um debate voltado para a questão da homofobia, como indicavam os cartazes, nem havia um projeto pedagógico com esta intenção. Na verdade, foi uma atividade com intuito de fazê-los entender na prática como funcionava uma campanha política. Aqui é importante observar que a escolha da temática foi feita pelos/as jovens, o que indica que estes sujeitos estão dispostos a problematizar e interessados em discutir sobre homofobia e *bullying*. Podemos interpretar este caso como uma demanda de compreensão presente na vida destes/as jovens. O dissenso presente na escola, e também em diversas outras instituições, entre as curiosidades da nova geração e as dificuldades de promoção de diálogo da geração anterior pode ser encarado como perpetuador da heteronormatividade, uma vez que o silêncio, no lugar de um diálogo crítico e sincero, é um agente alienador.

Diante disso, redirecionei minhas forças para conversar diretamente com esses/as jovens, e saber suas opiniões e suas convicções sobre essa temática. Analisando suas falas, busquei estabelecer relações com toda a bagagem teórica que vinha adquirindo. Nesse momento, minha pesquisa se articulou com o projeto de pesquisa institucional que o *Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Cultura(s)* (GECEC), da linha de pesquisa “Prática Pedagógica e Ética Intercultural”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Andrade, construía.

1.3. Questões iniciais de pesquisa.

Tendo em vista as justificativas apresentadas, a presente pesquisa busca compreender a articulação entre a diversidade cultural, especificamente as concepções sobre diversidade sexual, e as atividades escolares. Isto é, explorar as convicções de jovens que cursam o Ensino Médio para entender seus posicionamentos sobre diversidade sexual e as normatividades que regem seus pensamentos e seus discursos. Assim, parto dos seguintes questionamentos:

1. Quais normatividades de sexualidade povoam o campo simbólico da nossa sociedade?
2. Como se entende as questões de identidade, igualdade e diferença, especialmente em relação às sexualidades?
3. Como é visto o preconceito, especialmente a homofobia, dentro as relações de poder que permeiam as relações sociais?
4. Como se localizam a discriminação, o preconceito e a violência direcionados às sexualidades na educação escolar? Se existem, quais as diretrizes que atuam neste quadro?
5. Como os/as jovens de Ensino Médio percebem a homofobia e a diversidade sexual? Como a escola de Ensino Médio analisada trabalha as questões ligadas à homofobia?

É importante ressaltar que essas foram minhas questões iniciais. Elas orientaram a busca pelo referencial teórico e pela construção das atividades empíricas no campo. Contudo, elas não engessaram ou fecharam o processo de investigação. Muitas outras perguntas de interesse surgiram ao longo do caminho, bem como algumas foram paulatinamente perdendo força ou sendo abandonadas.

1.4. Objetivos propostos.

A partir das questões apresentadas acima, me proponho a:

1. Articular as temáticas da diversidade cultural a uma proposta de ensino que inclua as questões de sexualidade;
2. Investigar como se efetua, dentro e fora da escola, o discurso e a linguagem da sexualidade, indicando o que e quem pode falar e o que e quem deve silenciar;
3. Analisar as concepções desses/as jovens sobre diversidade sexual e homofobia, desvelando opiniões presentes nesta faixa etária e, possivelmente, na sociedade de modo mais amplo;

4. Debater a relevância de uma educação sexual não sexista e não homofóbica, voltada para Educação Básica, na perspectiva intercultural; e
5. Contribuir com a fundamentação dos processos pedagógicos que pretendam responder aos atuais desafios da escola em tempos de preconceitos, discriminações, violências e intolerâncias, com especial ênfase à temática da sexualidade.

1.5. Sobre a metodologia.

Devido à natureza das questões, que se caracterizam por ser uma compreensão possível sobre a relação entre a expressão das sexualidades e as atitudes homofóbicas presentes no ambiente escolar, uma abordagem de tipo qualitativa foi a minha opção para o encaminhamento da pesquisa. O caráter qualitativo dessa pesquisa é justificado pelo “referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo” (DUARTE, 2004, p. 215). Em uma abordagem qualitativa, “o recorte desejado e a coleta de dados devem ser guiados por três tipos de considerações: a relevância teórica e prática, a necessidade de negociação e interação com os sujeitos e o controle da subjetividade” (VAN ZANTEN, 2004, p. 303).

Entendo por *relevância teórica* ou *científica* o compromisso da pesquisa com o crescimento do conhecimento já produzido e a ampliação do poder explicativo da teoria utilizada. Para que isso aconteça é necessário que a pesquisa vá além da constatação e da mera descrição das informações coletadas, que suas conclusões possam superar os limites das condições estudadas, em outras palavras, é preciso que o/a pesquisador/a possa conferir alguma generalidade aos seus resultados (LUNA, 2007, p. 74).

A *relevância prática* ou *social* significa a importância do conhecimento gerado na pesquisa para a tomada de decisões tanto políticas quanto pedagógicas. ALVES-MAZZOTI (2001, p. 49) destaca que os problemas a serem enfrentados no campo da educação no país exigem soluções que precisam ser subsidiadas por um corpo de conhecimentos significativamente amplo e

confiável. Isso significa que “a busca constante do/a pesquisador/a pela relevância e pelo rigor no processo de pesquisa também é uma meta política”.

É necessário destacar, contudo, que relevância social é diferente de pragmatismo cego. É preciso entender que a pesquisa não pode estar a serviço de solucionar pequenos impasses do cotidiano, uma vez que, por sua própria natureza, o tempo de investigação científica não se encaixa com a necessidade de soluções imediatas. Respostas imediatas são exigidas dos/as gestores/as de sistema de ensino e não dos/as pesquisadores/as (GATTI, 2001, p. 78).

No centro da *relação pesquisador-sujeito/objeto* estão as relações de poder e deve estar a preocupação com a ética no processo científico. Na realização do estudo de campo, os princípios éticos a serem considerados devem estar inseridos principalmente nessa relação: respeito mútuo, não coerção, não manipulação, suporte aos valores democráticos e às instituições, e devolução dos resultados da pesquisa aos objetos/sujeitos. Apenas a publicação científica não é suficiente, neste caso. Além disso, durante a análise das informações obtidas no campo, esses princípios devem estar centrados na relação pesquisador-literatura, dos quais, destaco: referenciamento de idéias, conceitos bem definidos, proteção do princípio da autoria e citação de fontes.

Reconhecer a *subjetividade* significa compreender a realidade partindo-se do princípio de que nenhuma investigação é neutra, nem imparcial. Significa que a suposta objetividade científica nem é dada. Para que a tenhamos uma objetividade no processo de pesquisa é necessário reconhecer a subjetividade, pois desta forma contribuiremos para diminuição da sua interferência durante o processo de pesquisa, uma vez que aceitar sua influência significa uma análise profunda e contínua aliada ao desenvolvimento da pesquisa. Nessa linha, toda pesquisa está permeada de valores e crenças. Discordando dos ideais positivistas, a abordagem qualitativa não se pauta numa suposta neutralidade investigativa, nem numa objetividade científica dada, pelo contrário, ela privilegia a tentativa de se penetrar nos significados dos fatos e dos discursos, o que possibilita uma análise interpretativa dos dados obtidos, uma análise que sempre será pessoal. Mas que, nem por isso, deve afastar-se do necessário rigor científico.

Para TURA (2003, p. 186), o/a pesquisador/a está inserido no mundo em que estuda e, portanto, “não pode escapar do senso comum, nem evitar sua interferência no fenômeno em que investiga”. Resta-lhe amenizar ao máximo o impacto da sua presença, não a eliminando, mas refletindo sobre ela. A autora

(Idem, p. 185) acrescenta que a qualidade da investigação, e, portanto, a qualidade final da pesquisa, depende muito da objetividade/subjetividade do/a pesquisador/a observador/a, o que tornam imprescindíveis: (1) a adoção de pressupostos teóricos que fundamentem o processo investigativo e que sejam o ponto de partida; (2) a revisão da literatura para adquirir conhecimento sobre o objeto de estudo e (3) a aplicação do caráter reflexivo do pesquisador, levando em conta as interpenetrações entre o senso comum e a teoria social. Foi nesta perspectiva que procurei orientar esta investigação.

Segundo ALVES-MAZZOTI (2001, p. 44),

a compreensão das subjetividades e das práticas requer que se busque relacioná-las às condições sociais em que foram produzidas, procurando ir além da mera descrição, contribuindo para o debate mais amplo e para produção de conhecimentos que possam ser apropriados por outrem.

Isto é, aceitar a subjetividade da pesquisa e do/a pesquisador/a possibilita a transferência de conhecimentos para estudos em contextos semelhantes, o que facilita a aplicabilidade do conhecimento gerado em outros casos e torna a pesquisa relevante cientificamente. Nesse sentido, assume-se que “o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre e que nenhuma conclusão deve ser formulada sem antes se contextualizar os dados adquiridos” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.47).

Neste trabalho, a metodologia conta com as seguintes características referentes a um estudo qualitativo: a investigação teórica, a aplicação de um dilema moral através da técnica de grupo focal e a aplicação de uma entrevista individual para os/as participantes do debate em grupo. Na investigação teórica, estão levantados os conceitos centrais da pesquisa e está feita uma revisão bibliográfica referente a estes conceitos. Na análise empírica, exploro as concepções de jovens do Ensino Médio a respeito de sexualidade, analisando como pensam e abordam o assunto.

A observação é a primeira forma de aproximação do indivíduo com o mundo em que vive. Dessa forma, é também um procedimento básico da investigação científica. Existem diversos tipos de observação: metódica, sistemática, direta, flutuante, *in situ*, naturalística, participante e não-participante. É o objeto de estudo, a orientação teórico-metodológica, as negociações realizadas no campo de pesquisa e a forma de acesso aos dados, ou seja, os objetivos da análise que irão determinar o tipo de observação. Definir a melhor posição de observação garante objetividade ao processo. Considerando isso, foi

realizada uma breve observação não-participante do cotidiano da escola escolhida, o Colégio Guarani, a fim de conseguir uma aproximação com o universo dos sujeitos pesquisados.

Dentro dos objetivos de análise, a observação foi usada para a obtenção de conhecimentos básicos do campo, que levaram à construção do roteiro do dilema moral, trabalhado através de um grupo focal. Observar é sempre uma interpretação. Por mais que se procure reunir dados verdadeiros e objetivos em um determinado contexto, a subjetividade do/a pesquisador/a está sempre presente. Por isso, na observação de qualquer realidade social, o/a pesquisador/a precisa adquirir capacidade de estranhamento, ou seja, questionar principalmente aquilo que lhe parece natural, nos contatos no campo e nas formas de compreender o outro. O/a pesquisador/a precisa se esforçar para problematizar o que lhe é familiar. De acordo com VELHO (1978, p. 45), o “processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações”.

Para obter informações mais consistentes sobre o objeto/sujeito de pesquisa, o/a pesquisador/a pode cruzar duas ou mais técnicas para a coleta de informações. Desta forma, as informações obtidas na investigação teórica e na observação foram usadas como base para a confecção do dilema moral, a ser realizado com o grupo de alunos/as no formato de um grupo focal. Por sua vez, as respostas destes/as estudantes no grupo focal foram usadas como base para os roteiros das entrevistas, que foram realizadas individualmente com os/as mesmos/as envolvidos/as na primeira etapa da pesquisa. Como já foi dito anteriormente, esta pesquisa faz uso das informações obtidas na pesquisa mais ampla do *Grupo de Estudos sobre o Cotidiano, Educação e Cultura(s) - GECEC*. Dessa forma, é importante destacar que relatório de observações, o dilema moral e o roteiro das entrevistas foram construídos coletivamente, com os/as demais participantes do GECEC. Todavia, eu estive presente em todos os processos desta construção coletiva, sendo também mediadora na aplicação do dilema moral sobre homofobia e em todas as entrevistas.

Após coletar um significativo volume de dados, é preciso organizá-los e estruturá-los de modo a dar sentido às impressões, narrativas e acontecimentos dentro do recorte escolhido. Este momento de análise será feito com o software Atlas TI. Desenvolvido para análise de dados qualitativos, o Atlas TI realiza o recorte das informações de acordo com as referências conceituais, gerando

relatórios direcionados às temáticas e otimizando o processo analítico dos dados coletados para a pesquisa.

1.5.1. A busca pelos referenciais teóricos.

A revisão da bibliografia se constitui em um ponto fundamental para o avanço da reflexão teórica sobre a temática escolhida para a pesquisa: a sexualidade. Para tanto, darei prioridade aos artigos de revistas, às dissertações de mestrado e às teses de doutorado, dos mais recentes aos mais antigos, num período de cinco anos (2005-2010). Também explorarei livros que tratem da questão, principalmente os que são coletâneas de textos de diferentes autores/as, o que me proporcionará diferentes visões do tema. Estes artigos e livros foram priorizados de acordo com a sua relevância teórica para esta pesquisa.

Mais adiante, quando estou com as informações obtidas no campo e a revisão da literatura, é necessário preocupar-se com a contribuição para a continuidade do conhecimento teórico. Com isso, é através de um constante diálogo entre os pressupostos teóricos e os elementos do campo que busco construir a interpretação. Dessa forma, o quadro de referências teóricas e metodológicas irá interferir, modificar e determinar, não só a coleta de dados, mas as abordagens e os tipos de análises a serem feitas.

Inicialmente, realizei um levantamento de dissertações e teses cadastradas no *Banco de Teses Virtual da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes*. Encontrei poucas produções que relacionavam as palavras-chave: escola, sexualidade e homofobia, nos últimos cinco anos, de 2005 a 2009. Sendo que, em 2005, não foram produzidas nenhuma investigação de pós-graduação sobre essa temática em todo o Brasil. Isto mostra a escassez de debate sobre a relação entre o papel e o poder da escola, a diversidade sexual e as discriminações homofóbicas. Acrescento ainda um dado alarmante, das dezoito produções acumuladas ao longo desses cinco anos, nenhuma foi realizada no estado do Rio de Janeiro. E ao mudar a combinação de palavras-chave para: escola, orientação sexual e homofobia, o resultado é ainda mais reduzido (Tabela 1).

Igualmente, realizei um levantamento no Grupo de Trabalho 23 - Gênero, Sexualidade e Educação, da *Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação*, fundado enquanto Grupo de Estudo em 2004, que congrega pesquisadores/as, docentes e estudantes voltados/as para investigação e debate de questões teóricas e temáticas dos campos dos gêneros, das sexualidades e da educação sexual (Tabela 1). Devido ao fato deste Grupo de Trabalho apresentar três frentes: os gêneros, as sexualidades e a educação sexual, precisamos ter cuidado ao supor que a produção teórica da relação entre escola, sexualidade e homofobia foi significativa. Ao contrário, muitas das produções abordavam as diferenças de gênero e, principalmente, aquelas realizadas em instituições do Rio de Janeiro não destacam a homofobia como foco de análise. Esta pequena exposição já demonstra a dificuldade de encontrar material específico. Recorri, então, a artigos e livros produzidos na área nos últimos anos.

Tabela 1: Levantamento de Produções sobre Escola, Sexualidades e Homofobia.

	2009		2008		2007		2006		2005	
	Brasil	Rio de Janeiro								
CAPES - Escola, Sexualidade, Homofobia	9	0	6	0	1	0	2	0	0	0
CAPES - Escola, Orientação Sexual, Homofobia	3	0	0	0	1	0	0	0	0	0
GT 23 - ANPED	13	1	11	1	16	3	13	2	21	4

1.5.2. Trabalhando com grupos focais.

A atual pesquisa do GECEC realizada no Colégio Guarani, um colégio estadual de Ensino Médio localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, envolve quinze jovens. A participação destes/as jovens foi voluntária. Divulgamos no colégio o trabalho que gostaríamos de realizar e informamos que precisávamos de informantes, que se inscreveram por iniciativa própria.

Na primeira etapa, trabalhamos com esses quinze jovens, quatro dilemas morais e as suas possíveis resoluções. O primeiro dilema foi sobre justiça. O segundo dilema, sobre sexismo. O terceiro dilema, sobre racismo. E o quarto, sobre homofobia. Em nenhum grupo focal obtivemos a participação dos/as quinze jovens. No dilema sobre homofobia, doze jovens estavam presentes. Os dilemas morais foram aplicados com a técnica de grupo focal, cuja estratégia favorece o debate entre os sujeitos e o confronto de opiniões. O grupo focal foi realizado no próprio colégio investigado.

A escolha do grupo focal se justifica (1) ao permitir ao/à pesquisador/a conseguir boa quantidade de informação em um período mais curto; (2) ao permitir a captação de processos e conteúdos cognitivos, emocionais, ideológicos, representacionais, mais coletivos, portanto, menos idiossincráticos e individualizados; (3) quando se quer explorar o grau de consenso sobre certo tópico; e (4) quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições (GATTI, 2005, p. 09-10). O grupo tem uma dinâmica própria, que expõe idéias diferentes das opiniões particulares. Desta forma, o grupo focal nos revelou representações, crenças, valores e idéias partilhadas sobre a temática da diversidade sexual que surgem em âmbito coletivo. Enquanto, nas entrevistas, irão emergir questões inéditas, através do depoimento individual.

Segundo GATTI (Idem, p.17), o grupo deve ser composto de forma que os/as participantes apresentem alguma característica que os/as aproxime, isto é, “deve ter uma composição que se baseie em algumas características homogêneas dos participantes, mas com suficiente variação entre eles/as para que apareçam opiniões diferentes ou divergentes”. A característica comum foi relativa ao nível de ensino e à classe sócio-econômica de pertencimento destes/as jovens: todos/as pertencem ao Ensino Médio do Colégio Guarani e todos estão localizados nas camadas populares da nossa economia. Por outro

lado, o grupo apresenta diversidade de gênero, de idade e do lugar de residência (Anexo1).

Após cada dilema, os/as estudantes respondiam a um pequeno questionário referente às suas decisões durante a discussão em grupo. Isto significa que o dilema moral foi discutido em grupo, mas respondido individualmente. Esse questionário registrou a exposição individual de cada participante por escrito, o que me foi muito útil para, depois, confrontar as posições individuais com as posições que surgiram durante a discussão em grupo. O dilema moral discutido em grupo foi registrado a partir de quatro gravadores e, posteriormente, transcrito. As respostas individuais foram escritas pelos/as próprios/as participantes e, posteriormente, digitadas (Anexo 2).

Considerando este processo, o meu objeto de análise pretende tratar do dilema sobre homofobia, englobando as informações conseguidas tanto durante a discussão em grupo, quanto nas respostas individuais. É necessário ainda lembrar que os dilemas morais foram compostos de duas partes. No dilema sobre homofobia, a primeira parte é referente à cola, isto é, às respostas que são trocadas entre os/as alunos/as durante as provas, consideradas indevidas pelos/as professores/as. Já a segunda parte é referente à discriminação homofóbica. Logo, existem dois temas em jogo: as regras e os valores que os sujeitos movimentam para resolver atitudes censuráveis e seu posicionamento diante de uma atitude discriminatória do outro.

1.5.3. As entrevistas.

A escolha de entrevistas se justifica pelo desejo de mapear classificações, crenças, normas e valores que os/as jovens pesquisados/as articulam para entender e explicar o universo simbólico da diversidade sexual. “As entrevistas são uma oportunidade para os/as entrevistados/as se explicarem, falando de si, encontrando as razões e as semi-razões por que se age e vive” (SARMENTO, 2003, p. 163). Desta forma, este instrumento me permitiu descrever e compreender com profundidade “a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior deste grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados” (DUARTE, 2004, p. 215).

A entrevista é um procedimento que permite ao pesquisador entender os códigos usados, compreender os valores do ambiente cultural analisado ou confrontar posições para esclarecer pontos obscuros (TURA, 2003, p. 198). Para organizar uma entrevista, pode-se usar um roteiro de questões para hierarquizar assuntos e temas, separando o que é central do que é periférico e pré-definindo onde se pretende chegar. Como disse anteriormente, os roteiros de questões para a entrevista foram construídos coletivamente e baseados nas informações do campo e do grupo focal realizado com os/as jovens. Ao relacionar grupo focal e entrevista, busco uma complementaridade mútua das técnicas de coleta e uma ampliação dos ângulos de produção de dados.

Na segunda parte da pesquisa, aplicamos entrevistas a quatorze jovens. O critério de escolha destes jovens se deu pela participação no grupo focal realizado anteriormente. Dentre os/as quatorze jovens, doze haviam participado do grupo focal. Os/as outros/as dois/duas foram selecionados/as aleatoriamente para uma entrevista piloto, onde foi verificada a eficácia do roteiro. De qualquer forma, estas entrevistas piloto foram muito bem sucedidas, o que nos levou a incluí-las na análise. As entrevistas foram realizadas nas dependências da PUC-Rio.

Entrevistas podem ser não-estruturadas, semi-estruturadas ou estruturadas. Essa classificação varia de acordo com o grau de rigidez do/a entrevistador/a para seguir as questões ou o roteiro previamente estabelecidos dentro do limite de interesse para pesquisa. Optei pelo tipo semi-estruturada por ser orientada e flexível, ao mesmo tempo, conferindo segurança e dando liberdade para explorar o assunto conforme o conforto do/a entrevistado/a. As entrevistas foram devidamente registradas em gravadores digitais e, posteriormente, transcritas. Após cada entrevista, os/as jovens preencheram uma ficha com informações básicas.

Assim como os dilemas morais, o roteiro das entrevistas está dividido em quatro partes: questões sobre justiça, questões sobre gênero, questões sobre raça e questões sobre sexualidade (Anexo 3). E também, como na análise dos grupos focais, meu objeto de análise aqui serão as perguntas referentes à sexualidade, o que comportará que eu me aprofunde na temática.